



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 12/05/2023 a 18/05/2023

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
12/05/2023	14,35	428,10	49,89	6,24	6,33
15/05/2023	14,00	430,90	49,69	6,60	5,92
16/05/2023	13,64	426,90	47,45	6,47	5,81
17/05/2023	13,37	425,30	46,41	6,25	5,61
18/05/2023	13,33	414,10	47,29	6,11	5,55
Média	13,74	425,06	48,15	6,33	5,84

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Panambi	S/C	
RS – Não Me Toque	121,00	
RS – Londrina	122,00	
PR – M.C.Rondon	122,00	
MT – C.N.Parecis	112,00	
MS – Maracaju	119,00	
GO - Rio Verde	112,00	
BA – L.E.Magalhães	117,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	61,00	CIF
Porto de Paranaguá	65,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Não-Me-Toque	55,00	
SC – Rio do Sul	52,00	
PR – M.C.Rondon	45,00	
PR – Londrina	45,00	
MT – C.N.Parecis	46,00	
MS – Maracaju	43,00	
SP – Itapetininga	54,00	
SP – Campinas	58,00	CIF
GO – Rio Verde	48,00	
GO – Jataí	48,00	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	S/C	
RS – Não Me Toque	68,00	
PR – Londrina	67,00	
PR – M.C.Rondon	66,00	

Período: 17/05/2023

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 18/05/2023**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	59,29	128,28	68,38

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
18/05/2023**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	85,18
Feijão (saco 60 Kg)	273,00
Sorgo (saco 60 Kg)	45,00
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,55
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,72**
Boi gordo (Kg vivo)*	9,48

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Referência Março/23, cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja, em Chicago, degingolaram nesta semana, chegando aos menores valores em quase dois anos. O bushel do grão, para o primeiro mês cotado, fechou a quinta-feira (18) em US\$ 13,33, contra US\$ 14,43 uma semana antes. Ou seja, em cinco dias úteis perdeu mais de um dólar, algo raro de ser visto. Esta cotação atual é a mais baixa desde o final de dezembro de 2021.

Os principais motivos para este movimento, que tinha se iniciado há algumas semanas seriam: redução nas compras globais da China em virtude de sua política de substituição de farelo de soja nas rações; redução no preço mundial do petróleo, o que ajuda a puxar para baixo o preço do óleo de soja (o mesmo fechou em apenas 46,41 centavos de dólar por libra-peso no dia 17/05, o menor valor em Chicago desde meados de fevereiro de 2021); o farelo de soja igualmente se mantém em níveis relativamente baixos, flertando constantemente com o rompimento do piso dos US\$ 400,00/tonelada curta; a produção brasileira chegou ao mercado com um recorde, anulando as quebras no Rio Grande do Sul e na Argentina; a evolução do plantio nos EUA é positiva, com o clima transcorrendo muito bem até o momento; e os juros básicos nos EUA tendem a subir um pouco mais nas próximas reuniões do Banco Central estadunidense, levando os especuladores em Chicago a venderem posições de commodities e comprarem títulos públicos; enfim, o relatório de oferta e demanda do USDA, anunciado em 12/05, trouxe as primeiras estimativas para a produção 2023/24 nos EUA e no mundo, e as mesmas são, igualmente, positivas.

Em relação, especificamente a este relatório, a projeção para a colheita estadunidense de soja, em outubro/novembro, adianta um volume de 122,7 milhões de toneladas, contra 116,4 milhões na colheita anterior. Com isso, os estoques finais dos EUA, em 2023/24, chegariam a 9,1 milhões de toneladas, contra 5,9 milhões no ano anterior. Desta forma, o preço médio, estimado aos produtores estadunidenses de soja, para este novo ano comercial, cai para US\$ 12,10/bushel, contra US\$ 14,20 na projeção de 2022/23. Ou seja, uma queda superior a dois dólares por bushel em um ano. Já no cenário mundial, a produção total seria de 410,6 milhões de toneladas, ultrapassando a marca de 400 milhões de toneladas pela primeira vez na história, e indicando um aumento de 10,8% sobre o volume colhido no ano anterior. Com isso, os estoques finais mundiais chegariam a 122,5 milhões de toneladas no novo ano comercial, ou seja, um aumento de 21,2% sobre o ano anterior. A futura produção do Brasil está estimada em 163 milhões de toneladas, enquanto a da Argentina ficaria em 48 milhões. Já as importações chinesas de soja subiriam para 100 milhões de toneladas, crescendo apenas dois milhões em relação ao ano anterior.

Dito isso, o plantio da soja, nos EUA, alcançou a 49% da área no dia 14/05, contra a média histórica de 36% para esta data. Deste total semeado, 11% já havia germinado na data indicada.

Por outro lado, os embarques de soja estadunidenses, na semana encerrada em 11/05, atingiram a apenas 147.897 toneladas, ficando abaixo do esperado pelo mercado. O total embarcado no atual ano comercial chega a 48 milhões de toneladas no momento, o que representa 1% a menos do que o registrado em igual período do ano anterior.

Pelo lado da demanda, tem-se que a China aumentou muito as inspeções em cargas de soja importada, prolongando os tempos de liberação do produto. Estes novos procedimentos alfandegários chineses tornam ainda mais lento e custoso o escoamento do produto em território chinês, retardando o comércio com aquele país. Isso atrasa o processamento da soja e aumenta o custo do farelo de soja na China, encarecendo as rações para os suinocultores locais. Desde o início de abril o farelo de soja teria visto seu preço aumentar em 14%, o que leva os criadores a buscarem outra alternativa como fonte de proteína, reforçando a estratégia do governo daquele país neste sentido.

“No principal porto para a soja da China, Rizhao, que movimentou mais de 10 milhões de toneladas no ano passado, todos os navios que chegaram nos últimos dois dias foram inspecionados, disseram dois comerciantes chineses com conhecimento da situação. Anteriormente, apenas um em cada cinco navios seria amostrado, disse um dos comerciantes, acrescentando que leva até dez dias úteis antes que as cargas possam ser descarregadas após a inspeção. Cerca de 30 navios transportando ao redor de 1,8 milhão de toneladas de soja estão atualmente esperando em ancoradouros fora dos portos chineses, incorrendo em custos crescentes por atraso no desembarque do produto. As taxas pagas aos armadores, por não descarregar a carga no prazo acordado, pode chegar a 20.000 dólares por dia para um navio panamax transportando 60.000 toneladas de soja.” (cf. Reuters)

E aqui no Brasil os preços da soja, apesar do forte recuo em Chicago e de um câmbio que permanece, majoritariamente, entre R\$ 4,90 e R\$ 5,00 por dólar, os preços da soja se estabilizaram e até subiram um pouco em algumas praças. Isso se deve à melhoria dos prêmios nos portos brasileiros. Em Paranaguá, por exemplo, o prêmio para maio está em US\$ 1,00/bushel negativo, ou seja, quase metade do que estava há poucas semanas atrás. Para agosto já há indicativo de prêmio positivo, com Paranaguá sinalizando US\$ 0,25/bushel positivo.

Assim, a média gaúcha fechou a semana em R\$ 128,28/saco, enquanto as principais praças do Estado negociaram a oleaginosa a R\$ 121,00/saco. Nas demais praças nacionais o preço da soja girou entre R\$ 112,00 e R\$ 122,00/saco.

Isso confirma a tendência de certa melhoria de preços para o segundo semestre para a soja brasileira, porém, será preciso contar com a forte queda em Chicago e o recuo do câmbio, dois fatos que podem neutralizar, em boa parte, a melhoria dos prêmios. Essa melhoria nos prêmios, segundo corretores, já está fazendo com que o mercado, para setembro próximo, pague R\$ 150,00/saco nos portos, contra pouco mais de R\$ 140,00 atualmente. (cf. Brandalitze Consulting) Para o produtor, o movimento, se continuar, poderá trazer a elevação de alguns reais ao saco de soja. Por outro lado, sempre haverá, até outubro, a incógnita climática sobre a safra dos EUA, fato que pode mudar o rumo em Chicago, auxiliando à recuperação de preços no segundo semestre. Mas atenção, por enquanto, ainda é muito cedo para se definir se a maioria dos produtores terá ganhos em carregar a soja até lá, considerando os juros praticados no país (ver comentário passado). Importante se faz lembrar que um volume significativo de soja e milho ainda não foi comercializado, o que irá pressionar os preços e prêmios no segundo semestre, fato que se soma ao grave problema de logística que nosso país possui. E no Centro-Sul brasileiro, com a entrada de uma safrinha de milho recorde, os produtores pressionarão para vender a soja a fim de abrirem espaço em seus

armazéns e silos. Assim, continuará havendo pressão baixista sobre os preços, a qual se confrontará com os elementos altistas já citados.

Enfim, as exportações de soja, pelo Brasil, em maio, deverão atingir a 15,8 milhões de toneladas, segundo a Anec. A safra recorde no país e a forte quebra na produção argentina estão levando a vendas maiores, tanto do grão quanto do farelo, por parte do Brasil. A atual projeção para maio representa um aumento ao redor de 5,5 milhões de toneladas em comparação com maio do ano passado. No caso do farelo de soja, a exportação deverá ser também a maior já vista em um mês, somando 2,6 milhões de toneladas.

Em tal contexto, a Abiove estima que o Brasil poderá exportar mais de 21 milhões de toneladas de farelo de soja em 2023, e atingir a quase 94 milhões de toneladas em grãos da oleaginosa. O aumento na produção de farelo se deve a um esmagamento maior para atender a demanda de óleo de soja a fim de produzir o biodiesel, já que o Brasil aumentou a mistura deste produto vegetal no diesel de petróleo neste ano.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho, em Chicago, igualmente recuaram nesta semana, mais uma vez aliás. O fechamento da quinta-feira (18) ficou em US\$ 5,55/bushel, contra US\$ 6,32 uma semana antes. Este valor de agora é o mais baixo desde o início de novembro de 2021. Um dos motivos deste recuo está no relatório de oferta e demanda do USDA, divulgado no dia 12/05, o qual indica uma safra importante nos EUA e no mundo para 2023/24. Além disso, com o clima positivo no país norte-americano, o plantio do cereal avança rapidamente neste momento, fazendo pressão baixista.

Quanto ao relatório, o mesmo apontou que a projeção de safra nos EUA, para o milho, é de 387,8 milhões de toneladas, contra 348,8 milhões um ano antes. São 39 milhões de toneladas a mais, portanto. Ou seja, se este volume se confirmar, os EUA aumentarão sua colheita de milho acima de toda a produção do milho de verão no Brasil. Com isso, os estoques finais estadunidenses chegariam a 56,4 milhões de toneladas em 2023/24, aumentando em 56,7% sobre o registrado no ano anterior. Assim, o preço médio ao produtor estadunidense de milho, no novo ano, está sendo esperado em US\$ 4,80/bushel, contra US\$ 6,60 em 2022/23. Já a produção mundial de milho, pela primeira vez na história, chegaria a 1,219 bilhão de toneladas, ganhando 6% sobre o volume do ano anterior. Os estoques finais mundiais somariam 312,9 milhões de toneladas, contra 297,4 milhões no ano anterior. A produção total brasileira, para o novo ano comercial, está estimada em 129 milhões de toneladas, enquanto a da Argentina está sendo esperada em 54 milhões.

Dito isso, o plantio do milho nos EUA, até o dia 14/05, chegava a 65% da área esperada, contra 59% na média histórica para esta data. Do milho já semeado, 30% da área havia germinado, contra 13% no ano anterior.

Por sua vez, na semana encerrada em 11/05 os embarques de milho, pelos EUA, somaram 1,17 milhão de toneladas, ficando próximos do limite superior esperado pelo mercado. No total do ano comercial, até o momento, os embarques somam 26 milhões

de toneladas, sendo 33% menores do que o registrado no mesmo período do ano anterior.

E aqui no Brasil os preços do milho continuaram com tendência de queda. A média gaúcha fechou a semana em R\$ 59,29/saco, sendo que nas principais praças gaúchas de comercialização o valor ficou em R\$ 55,00/saco. Enquanto isso, nas demais praças nacionais os valores giraram entre R\$ 43,00 e R\$ 54,00/saco.

Os preços estão pressionados pela excelente safrinha que se aproxima e pela lentidão nas exportações nacionais do cereal, além do recuo dos preços mundiais.

Em tal contexto, a Conab anunciou seu 8º levantamento de safra 2022/23, nesta semana, e adiantou uma produção final de soja em 154,8 milhões de toneladas, enquanto para o milho o volume final ficou em 125,5 milhões de toneladas, com aumento de 11% sobre o ano anterior, sendo que a segunda safra nacional participará com 96,1 milhões deste total. A salientar a excelente performance da safrinha em Goiás, com a produção total indo a 17,7 milhões de toneladas, diante de um crescimento de 37,8% da segunda safra. A produtividade média em Goiás chegaria a 6.411 quilos/hectare (106,8 sacos/hectare), com aumento de 41% sobre o ano anterior.

Diante de tais aumentos, que se espalham por quase todo o Centro-Sul nacional, os preços despencam e não há onde armazenar o produto, forçando a aceleração das vendas.

Enquanto isso, o Paraná informa que 1% de suas lavouras da safrinha estão em maturação, 30% em frutificação, 36% em floração e 33% ainda no chamado descanso vegetativo. Em torno de 92% das lavouras estão em boas condições e 8% em situação média, indicando também aqui uma excelente colheita logo adiante. (cf. Deral)

Enfim, as exportações de milho, por parte do Brasil, continuaram lentas em maio. Segundo a Secex foram embarcadas 76.079 toneladas nos nove primeiros dias úteis do mês, representando apenas 7% do total embarcado em todo o mês de maio de 2022. Com isso, a média diária de embarques se reduziu para 82,9% em relação ao ano anterior. E se as exportações não deslançarem a partir de julho, não haverá contrapartida à safra recorde. Com isso, as possibilidades de uma recuperação dos preços internos do milho, no segundo semestre, praticamente desaparecem. Nesse sentido, para as próximas semanas, novas quedas de preço estão previstas em muitas regiões do país. Aqui no Rio Grande do Sul, o recuo somente não é maior porque houve mais uma frustração parcial de safra e o Estado é tradicional importador do cereal.

Pelo lado da exportação há esperança de que a China venha a buscar milho brasileiro com maior intensidade, pois recentemente cancelou compras do produto estadunidense. Resta verificar se tal cancelamento não representa uma acomodação no consumo interno chinês, fato que não favoreceria também as vendas do cereal brasileiro.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo, em Chicago, registraram algumas oscilações durante a semana, porém, mantendo um viés de baixa, embora dentro do patamar que vem sendo visto nas últimas semanas. O fechamento da quinta-feira (18) ficou em US\$ 6,11/bushel, contra US\$ 6,14 uma semana antes.

O relatório de oferta e demanda do USDA, deste mês de maio, acabou ficando entre neutro a altista para as cotações do trigo naquela Bolsa. A produção total dos EUA, para 2023/24, está estimada em 45,2 milhões de toneladas, contra 44,8 milhões um ano antes. Os estoques finais estadunidenses de trigo chegariam a 15,1 milhões, contra 16,3 milhões de toneladas no ano anterior. Assim, o preço médio aos produtores de trigo dos EUA, em 2023/24, está sendo calculado em US\$ 8,00/bushel, contra US\$ 8,85 no corrente ano. Nota-se que é um preço bem acima do que a Bolsa vem praticando no momento. Já a produção mundial de trigo chegaria a 789,8 milhões de toneladas no novo ano comercial, aumentando apenas cerca de 1,6 milhão de toneladas sobre o ano anterior. Com isso, os estoques finais de trigo, no mundo, somariam 264,3 milhões de toneladas, perdendo dois milhões de toneladas em relação ao ano anterior. A produção da Argentina deverá se recuperar e atingir 19,5 milhões de toneladas (desde que o clima volte ao normal no vizinho país), enquanto a produção brasileira de trigo está estimada em 10 milhões de toneladas neste novo ano comercial 2023/24.

Dito isso, o plantio da safra de trigo de primavera, nos EUA, chegava a 40% da área no dia 14/05, contra 57% na média histórica para a data. Já quanto as condições das lavouras de trigo de inverno, 29% estavam entre boas a excelentes naquela data, contra 30% regulares e 41% entre ruins a muito ruins.

Por sua vez, os EUA embarcaram 242.269 toneladas de trigo na semana encerrada em 11/05, ficando dentro do esperado pelo mercado. No total do ano comercial, até o momento, os embarques atingem a 18,7 milhões de toneladas, sendo 3% a menos do que o registrado em igual momento do ano anterior.

O fato é que, diante das projeções desta futura safra nos EUA, as quais não são positivas, e de dificuldades para novo acerto comercial entre Ucrânia e Rússia, o mercado internacional do trigo não acompanhou as fortes baixas na soja e no milho.

Efetivamente, as reuniões da semana passada, na Turquia, entre Ucrânia e Rússia, mediadas pela ONU e o governo turco, não avançaram no sentido de estender a liberação de exportações de grãos para a Ucrânia, no contexto da guerra que lá ocorre. "As exportações ucranianas já diminuíram significativamente desde que as embarcações pararam de ser inspecionadas no corredor do Mar Negro nos últimos dias. Partes da Europa Oriental também estabeleceram novas restrições às importações ucranianas, argumentando que o influxo estava prejudicando os agricultores locais". (Cf. Bloomberg)

E na Argentina, em contrapartida, depois de uma violenta frustração de safra neste ano, espera-se, mesmo com o clima longe do normal, que a futura safra de trigo 2023/24 alcance 18 milhões de toneladas (o USDA adiantou 19 milhões), contra as 12,4 milhões que teriam sido colhidas nesta última safra.

Já no Brasil, os preços do trigo se estabilizaram nesta semana e até ensaiaram um pequeno aumento, porém, sem sustentação. Assim, a média gaúcha fechou a semana em R\$ 68,38/saco, enquanto no Paraná o produto oscilou entre R\$ 66,00 e R\$ 67,00/saco.

Vale destacar que a Conab acaba de indicar que a área de trigo no Brasil, para a nova safra, deve aumentar em 7% em 2023, chegando a 3,3 milhões de hectares, puxada especialmente pelo Paraná, que espera atingir um aumento de até 13% na área semeada. No Rio Grande do Sul, cada vez mais se desenha uma área, no máximo, igual a do ano anterior. Como a expectativa geral é de um clima menos propício ao cereal, neste ano, começa a se desenhar uma possibilidade de que a nova safra venha a ser um pouco menor do que o recorde de 2022. Mesmo assim, se ela vier normal, não há como segurar os preços do trigo no final do ano e novas baixas tendem a ocorrer.

Neste sentido, causou estranheza ao mercado os novos preços mínimos para o trigo nacional, anunciados dias atrás e que aqui apresentamos. A nova referência é de R\$ 1.463,00/tonelada, contra R\$ 1.320,00 do ano passado, mesmo com os custos de produção da temporada anterior estando muito mais altos do que os atuais. Ou seja, não parece haver lógica na decisão oficial. Assim, ninguém sabe ao certo como o governo irá operacionalizar o processo. Especialmente porque, em safra normal, os preços de mercado ficarão bem mais baixos do que os novos preços mínimos. "Se o governo tiver uma diferença de preços de mercado e de preço mínimo em torno de R\$ 400,00/tonelada, mesmo para colocar PEP e Pepro seria muito caro. Se for para adquirir trigo, com o governo pagando R\$ 1.463,00 em relação a algo em torno de R\$ 1.100,00 e R\$ 1.200,00/tonelada, como se espera que operará o mercado, vai ser um ano bastante complicado, exigindo intervenção governamental. Como será feita essa intervenção, se houver, é que ditará o rumo do mercado." (cf. Safras & Mercado)

Em tal contexto, o produtor terá que construir uma excelente estratégia de comercialização de sua nova safra de inverno.

Enfim, após excelentes exportações no último ano, devido a guerra entre Rússia e Ucrânia, atualmente o trigo nacional está caro frente aos seus concorrentes internacionais. Em relação ao trigo russo, o brasileiro teria que estar sendo negociado entre R\$ 1.100,00 e R\$ 1.200,00/tonelada, enquanto os atuais valores variam de R\$ 1.250,00 a R\$ 1.300,00. Com isso, o escoamento da excelente safra passada encontra problemas, fato que poderá carregar um importante volume para o ano seguinte, chocando-se com o volume que virá da nova colheita no final do ano. Com isso, os preços internos continuarão sob pressão baixista. Obviamente, muitos fatores ainda podem ocorrer, inclusive na área cambial e climática, que podem mudar esta tendência, mas o quadro preocupa.